

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 67

Data: 12 de Junho de 1983

Pg.: \_\_\_\_\_

## 83 *Horas* "Funai atende a interesses pessoais", acusou a ANAÍ

Sem qualificação para o cargo que ocupava na presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai) e responsável por uma péssima administração, o coronel Paulo Moreira Leal já pediu exoneração do posto "muito tarde". O autor da opinião, o presidente da Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAÍ), Júlio Gaiger, acredita que "o coronel ultrapassou o limite do suportável na lamentável gestão de quase dois anos no órgão". Mas nem por isso ele acredita que uma simples mudança na sua presidência vá alterar a forma de funcionamento da Funai.

"Não vamos cair no golpe da desmilitarização da Funai com a saída desse coronel que não entendia nada de índios, como ele mesmo reconheceu ao assumir o cargo", argumentou Gaiger. "Só porque botaram lá um civil, o economista Octávio Lima, não quer dizer que vá mudar a política da entidade. Como toda a administração pública do País, parece que estas entidades não querem mesmo servir o público a que se destinam, mas sim prestar-se a interesses pessoais, que conduzem a acusações a torto e a direito, como as que surgiram nas acusações sobre a saída do Leal, quando se alude até à campanha presidencial do ministro Andreazza".

Lembrando que o coronel Leal foi auxiliado por uma equipe de leigos,



Paulo Moreira Leal

entre os quais se incluem 22 coronéis do Exército aposentados, sem "sequer um curso de Antropologia por correspondência". Gaiger pensa que a Funai só mudará no dia em que os índios possuírem poder de decisão no órgão. "Eles são os interessados legítimos e legitimados para decidir sobre a Fundação Nacional do Índio", disse ele, ponderando que, somente no dia em que o órgão for libertado dos burocratas que nada entendem a respeito da questão indígena, a Funai poderá ser considerada como uma entidade autenticamente representativa do índio brasileiro.

"A Funai tem que ser colocada à disposição dos índios, para que decidam seus rumos", afirma Gaiger. "E certamente não colocarão só índios na sua administração, mas as pessoas e entidades sentimentalmente comprometidas com a situação indígena do País". Para o presidente da ANAÍ, o ideal seria que a Funai fosse dirigida por um conselho reunindo índios e representantes de entidades de apoio, compromissadas e entendidas na questão. Faz, porém, uma ressalva: "Só não poderia haver boicote orçamentário, porque, com isso, o Governo esvaziaria a iniciativa, para depois creditar ao conselho a culpa pelo fracasso financeiro da atitude".

Sem conhecer o civil que assume a presidência como quarto mandatário do órgão no governo de João Figueiredo, Gaiger declarou que cultivava algumas esperanças na mudança operada na entidade. "Toda mudança nos dá ao menos alguma esperança de renovação", admitiu ele. Recordando os episódios mais recentes acontecidos entre os índios — com a morte de cinco caingangues em Guarita e a invasão dos xavantes na sede da Funai em Brasília, pedindo o afastamento dos 22 coronéis do órgão — Gaiger não atribui a demissão de Leal a nenhum caso isolado: "Juntou muita incompetência".